



# IDeIAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

## AS PRIMEIRAS CARAS DO “AL SHABAAB” EM CABO DELGADO: O CASO DE ANDRÉ IDRISSE EM COGOLO<sup>1</sup>

Sérgio Chichava

### Introdução

Situada na localidade de Pangane, no Posto Administrativo de Mucojo, distrito costeiro de Macomia, a aldeia Cogolo, foi uma das primeiras regiões da província de Cabo Delgado, onde se instalaram indivíduos conhecidos como defensores de uma visão radical do islão- localmente designados por “Al Shabaab”, muito antes do primeiro ataque militar deste grupo nesta província, a 5 de Outubro de 2017. Neste sentido, a aldeia Cogolo é um dos locais onde podem ser encontrados alguns dos primeiros vestígios do radicalismo islâmico corporizado pelos “insurgentes”, que hoje atacam Cabo Delgado. Para se ter uma ideia de quem eram os seguidores desta versão radical do Islão, este artigo apresenta o perfil de um jovem da aldeia Cogolo de nome André Idrissa, considerado localmente como um dos protótipos dos primeiros rostos da “insurgência”. Parte-se do argumento segundo o qual, falar de André Idrissa, pode ajudar a ter uma ideia não só das características sociológicas dos seguidores do “Al Shabaab”, pelo menos nos primórdios da constituição deste grupo, mas também das suas motivações e ideais. O trabalho resulta de troca de correspondência com pessoas que conviveram com André Idrissa em Macomia e de entrevistas semi-estruturadas efectuadas em Cabo Delgado, entre Junho e Dezembro de 2019<sup>2</sup>. O artigo está dividido em duas partes: primeiro, faz uma breve apresentação do perfil de André Idrissa e, a seguir, mostra os primeiros momentos da sua radicalização.

### André Idrissa e o início da radicalização islâmica em Macomia

De acordo com fontes locais, André Idrissa (também conhecido localmente por *Amir* ou líder) terá nascido em 1986, na aldeia Cogolo, onde seus pais são igualmente naturais. Filho de um Sheik local, já falecido, André Idrissa frequentou a Escola Primária Completa de Mucojo-sede, até a 7ª classe. Para além de Emakhuwa, sua língua materna, André Idrissa falava Kimwani, Kiswahili e Português; e casara com pelo menos três mulheres, com as quais teve quatro filhos.

Em Cogolo, as pessoas conheciam André Idrissa como um homem de negócios, tendo inicialmente se notabilizado a vender produtos de primeira necessidade e, mais tarde, peças de motorizadas que trazia da Tanzânia. Para além destas actividades, André Idrissa também transmitia, através da televisão, jogos de futebol de vários campeonatos europeus como *Premier League*, *La Liga* e *Serie “A”*, entre outros. Isto tornou André Idrissa num homem famoso, respeitado e modelo a seguir localmente, particularmente no seio da juventude. A par de ser um empresário de sucesso, André Idrissa gozava de enorme prestígio social, pois era visto como pessoa de trato fácil, que lidava com todos, independentemente do estrato social.

Durante os seus primeiros anos de vida, André Idrissa, seguiu a linha religiosa do seu pai, um muçulmano de corrente sufista “tradicionalista africana”. Entretanto, com o decorrer do tempo, André Idrissa entrou em rota de colisão com o seu pai, a quem considerava *Kafir* (incrédulo), ignorante e ultrapassado, passando a seguir os princípios do *Ahlu Sunnah wal Jamaah* (adeptos da tradição profética e da congregação), de tendência Wahhabita, cuja maior parte dos seus seguidores são considerados “reformistas”, falantes de árabe e educados em países como Arábia Saudita, Sudão e Tanzânia<sup>3</sup>. Contudo, sob influências de sheiks da Tanzânia, com os quais travou conhecimento durante as suas viagens para aquele país, onde, como já foi referido, ia buscar a sua mercadoria, André Idrissa abraçou princípios radicais islâmicos, passando também a rejeitar o *Ahlu Sunnah wal Jamaah*, aderindo ao grupo de insurgentes, localmente chamado “Al-Shabaab”<sup>4</sup>. De referir também que, historicamente, em Cabo Delgado, os sheiks da Tanzânia são bastante populares, e vistos como modelos pela juventude local. Estes sheiks têm um discurso fervoroso e contundente contra o Estado e contra as antigas lideranças religiosas locais, a quem consideram como descrentes<sup>5</sup>. André Idrissa esteve envolvido no ataque de 5 de Outubro de 2017 à Mocimboa da Praia, tendo depois fugido para a província de Nampula, onde viria a ser

detido e encaminhado para a cadeia de Mizeze, penitenciária provincial de Cabo Delgado, depois em circunstâncias ainda por apurar. André Idrissa, saíra de Macomia na companhia de alguns jovens daquele distrito que faziam parte do seu círculo, juntando-se a outros vindos de outros locais para fazer o assalto de 5 de Outubro de 2017. Entretanto, antes de partir para Mocimboa da Praia, o grupo de André Idrissa vendera seus bens, a preços baixos, porque de acordo com os seus princípios religiosos, não podia deixá-los para os seus familiares, a quem considerava descrentes. Esta é uma das razões apontadas localmente como explicando o facto de os integrantes do “Al Shabaab” serem encontrados com significativas somas de dinheiro quando presos ou mortos, (pelo menos na fase inicial desta guerra).

As últimas notícias indicam que André Idrissa tenha sido morto algures na província de Niassa, onde, supostamente, teria sido capturado pelas autoridades moçambicanas. Nessa altura, presume-se que André Idrissa estava na companhia de um dos seus filhos, cujo paradeiro até hoje se desconhece.

O perfil de Idrissa é similar ao dos jovens descritos no estudo sobre a radicalização islâmica no norte de Moçambique, especificamente no distrito de Mocimboa da Praia, no qual se afirma que, entre outros, os primeiros jovens integrantes do grupo islamista eram maioritariamente vendedores informais, constituindo “uma parte importante da base social de apoio do grupo dos Al-Shabaab” (Habibe, Forquilha & Pereira, 2019: 23). De certa forma, o perfil de André Idrissa lembra o de Ansumane Vipodozi, um jovem de Mocimboa da Praia, que se notabilizara como vendedor de cosméticos que ia buscar na Tanzânia, país em que provavelmente recebeu influências de um islão radical, passando não só a rejeitar os seus pais e familiares a quem considerava descrentes, mas também a abraçar os princípios do “Al Shabaab”, tendo feito parte do primeiro ataque a Mocimboa da Praia no dia 5 de Outubro. Vipodozi ficou localmente famoso por ter

<sup>1</sup> Este é o primeiro de uma série de dois textos sobre algumas figuras que fizeram parte do “Al Shabaab” antes deste grupo atacar militarmente o distrito de Mocimboa da Praia a 5 de Outubro de 2017.

<sup>2</sup> Para preservar a identidade dos informantes, as entrevistas estão anonimizadas.

<sup>3</sup> Em Cabo Delgado, alguns membros do *Ahl al-Sunna* (ou *Ahlu Sunnah wal Jamaah*) tinham feito parte do Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO), uma organização Wahhabita criada em 1981. O *Ahl al-Sunna* fora criado em 1998 (e nunca foi legalizado pelo Estado) por jovens que tinham feitos estudos islâmicos em universidades fora do país e que tinham entrado em rota de colisão com a direcção do CISLAMO a quem a acusavam entre outras coisas, de má gestão e de ser próxima ao partido Frelimo. Para além disso, os membros do *Ahl al-Sunna*, estavam frustrados com falta de oportunidades económicas e de emprego no país (Bonate, 2020).

<sup>4</sup> Inicialmente, e à semelhança de André Idrissa, parte dos integrantes de “Al-Shabaab” em Cabo Delgado fazia parte do *Ahlu Sunnah wal Jamaah*, mas abandonou esta corrente ou grupo, por achar que não seguia os ditos do profeta Muhammad, ou seja, que os seus seguidores não eram muçulmanos puros e omitiam a verdade.

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre este assunto, ver Habibe, Forquilha & Pereira (2019).

aparecido num dos primeiros vídeos do “Al Shabaab”, reivindicando o ataque à Mocimboa de Praia<sup>6</sup>.

### André Idrissa e a primeira mesquita do “Al Shabaab” em Cogolo

Foi na aldeia Cogolo onde indivíduos que defendiam uma versão radical do islão, e cuja face principal era André Idrissa, instalaram a primeira mesquita do grupo “Al Shabaab” a nível do distrito de Macomia. A instalação da mesquita tinha sido autorizada pela administração do Posto de Mucojo, sem, contudo, anuência das estruturas da aldeia de Cogolo, que não se identificavam com as ideias defendidas pelo grupo de Idrissa, sob argumento de que os seus princípios religiosos eram contra a religião islâmica. Com efeito, a população de Cogolo vinha denunciando às autoridades locais, o grupo de Idrissa, desde os primórdios da sua instalação. Contudo, as autoridades administrativas locais, evocando o princípio de liberdade religiosa, consagrado na constituição moçambicana, consideravam que não podiam interferir num conflito intra-religioso, que na sua opinião, não punha em causa o Estado e cuja resolução cabia apenas aos membros, tendo por isso, autorizado a construção da mesquita.

Na altura, mais ou menos por volta de 2015, o grupo inicial que seguia André Idrissa era composto por cerca de 15 jovens e defendia, entre outras coisas, que era permitido rezar calçado e entrar na mesquita com armas brancas, que as mulheres não deviam andar com roupa curta, que a escola corânica (madraca) era mais importante que a escola formal, que todos os que não seguiam a versão do islão defendida por este grupo eram descrentes ou Kafirs. Os seguidores de André Idrissa, muitas vezes vestidos de batinas brancas, andavam apenas entre si, não se misturavam nem aceitavam ser cumprimentados pelos Kafirs. A mesquita de Idrissa começou a ganhar muitos adeptos e a atrair jovens de outros locais de Pangane, nomeadamente Ingoane, Rueia, Nacala e Medina, todos bairros próximos de Cogolo.

Contudo, devido a tensão criada pelo grupo de Idrissa no seio da comunidade local, algum tempo depois, mais precisamente em Outubro de 2016, a mesquita de André Idrissa viria ser destruída pela população, sob pretexto de que os seus membros “*não seguem raízes da religião islâmica antiga*” (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia, 2016). Entretanto, a destruição da mesquita não significou o fim da tensão, pois André Idrissa e seu grupo tinham conseguido impressionar muitos seguidores. Esta situação levou o então chefe da localidade de Pangane, Abubacar Artur, a apelar, a população dos bairros de Ingoane, Nagulue e Cogolo, em Junho de 2017, a não se deixar influenciar pelos ideais do “Al Shabaab”, dando o exemplo do impacto negativo das ideias deste grupo na frequência escolar e no aumento de contradições religiosas (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia, 2017).

É preciso lembrar que a localidade de Pangane, onde se localiza a Aldeia Cogolo, já tinha vivido momentos turbulentos em 2015, quando líderes religiosos muçulmanos locais interditarão a venda e consumo de bebidas alcoólicas, sob pretexto que era contra o islão, assunto que terminou com a intervenção da polícia e prisão dos promotores da proibição<sup>7</sup>.

A expulsão e rejeição do grupo de André Idrissa pela população, talvez seja uma das principais razões que explica o facto desta aldeia ser uma das que tem sido das mais atacadas pelo “Al Shabaab” naquele ponto do distrito de Macomia. Só entre Dezembro 2018 e Julho de 2019, de acordo com imprensa, Cogolo foi alvo de três ataques (Carta de Moçambique, 2018a, 2018b, 2019b; CIP, 2019).

A população de Cogolo não só tem memórias dos ataques dos “insurgentes”, mas também de abusos protagonizados pelas Forças de Defesa e Segurança (FDS), que incluem, entre outros, casos de violação sexual de mulheres. Um dos momentos marcantes das atrocidades das FDS, tem a ver com a execução pública de um grupo de oito jovens em finais de 2019, acusados de fazer integrarem o grupo dos “insurgentes” que atacaram a aldeia Ingoane, mesmo sob protestos das autoridades comunitárias locais e de populares, que os consideravam inocentes.

Cogolo era também conhecida por albergar uma das maiores bases militares das FDS, que incluía um centro de saúde militar, que durante algum tempo beneficiou não só a população local, mas também a de locais circunvizinhos, que não tinham onde fazer tratamento, pois, devido aos ataques do “Al Shabaab”, os centros de saúde de Quiterajo-sede, Mucojo-sede e Pequueue tinham sido encerrados. Entretanto, em Setembro de 2019, numa altura em que decorria a campanha eleitoral para as eleições de Outubro do mesmo ano, a base das FDS viria a ser assaltada pelo “Al Shabaab”, tendo este grupo se apoderado, entre outros, de diverso material bélico, para além de causar a morte de vários militares do exército governamental. No mesmo dia, foi também atacada a aldeia Mitacata no Posto Administrativo de Quiterajo, onde foi vandalizada a Escola Primária Completa de Quiterajo-sede, e queimado o hospital local (Carta de Moçambique, 2019b; CIP, 2019). Estes ataques foram reivindicados pelo Estado Islâmico (EI) (Diário de Notícias, 2019). O “Al Shabaab” também possuía uma base nas matas de Cogolo, mais precisamente entre o rio Messalo e Posto Administrativo de Chai. Esta base viria a ser desmantelada pelas FDS com apoio da comunidade local<sup>8</sup>.

### Conclusão

Através da figura de André Idrissa, este texto mostra não só o início da radicalização islâmica na província de Cabo Delgado, mas também o perfil dos primeiros integrantes do grupo islamista “Al Shabaab”. Basicamente, pode-se dizer que a maior parte dos jovens que faziam parte deste grupo, no início, eram maioritariamente jovens; antigos seguidores do *Ahl al-Sunna* ou *Ahlu Sunnah wal Jamaah*, vendedores ou comerciantes informais influenciados por sheiks radicais estrangeiros, particularmente tanzanianos, que gozam de enorme prestígio naquela região. Igualmente, nota-se ao longo do texto que o início da radicalização islâmica, para além de ter perturbado o ensino formal, criou sérias divisões no seio da comunidade islâmica local e das famílias, deixando as autoridades estatais locais numa situação embaraçosa, com receio de interferir, por acreditar se tratar de um simples diferendo religioso, cuja resolução cabia aos membros.

### Referências

Bonate, L. (2020) Islão no Norte de Moçambique: Contornos Históricos e Políticos, Webinar IESE (30 de Julho).

Carta de Moçambique (2019a) Conheça Assumane Vipodozi, um Insurgente de Mocimboa da Praia. Disponível em: <https://www.cartamz.com/~cartamz/index.php/politica/item/3475-conheca-assumane-vipodozi-um-insurgente-de-mocimboa-da-praia> (consultado a 10 de Julho de 2020).

Carta de Moçambique (2019b) Insurgência em Cabo Delgado: Ataque causa morte de 10 agentes das FDS. Disponível em: <https://www.cartamz.com/index.php/crime/item/3089-insurgencia-em-cabo-delgado-ataque-causa-morte-de-10-agentes-das-fds>. (consultado a 10 de Julho de 2020)

Carta de Moçambique (2018a) Insurgentes atacam em Cogolo. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/341-insurgentesatacam-em-cogolo> (consultado a 10 de Julho de 2020).

Carta de Moçambique (2018b) Raparigas são o novo alvo dos ‘insurgentes’. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/305-raparigas-sao-o-novo-alvo-dos-insurgentes> (consultado a 10 de Julho de 2020).

Chichava, S. (2020) Os primeiros sinais do Al Shabaab em Cabo Delgado: Algumas histórias de Macomia e Ancuabe, Ideias 129. Disponível em: [https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-129\\_SC.pdf](https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-129_SC.pdf) (consultado a 10 de Julho de 2020).

CIP (2019) Insurgentes matam 8 pessoas e incendeiam 70 casas em Cabo Delgado. Disponível em: <https://www.cipeleicoes.org/insurgentes-matam-8/>. (consultado a 10 de Julho de 2020).

Diário de Notícias (2019) Estado islâmico reivindica novos ataques com vários mortos em Moçambique. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/estado-islamico-reivindica-novos-ataques-com-varios-mortos-em-mocambique-11321127.html> (consultado a 10 de Julho de 2020).

Habibe, S., Forquilha, S. & Pereira, J. (2019) Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique O Caso de Mocimboa da Praia, IESE: Maputo. Cadernos IESE. (17/2019). (consultado a 10 de Julho de 2020).

Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia (2017) Governação participativa, Chefe da localidade Pangane, ausculto comunidades locais. Disponível em: <https://www.facebook.com/radionacedjemacomia/photos/a.1193131867370791/1737114282972544>. (consultado a 10 de Julho de 2020).

Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia (2016) Populares da aldeia Cogolo em Mucojo, destruíram há dias uma mesquita local, supostamente os seguidores na sua maioria jovens não seguem raízes da religião islâmica antiga. Disponível em: <https://web.facebook.com/radionacedjemacomia> (consultado a 10 de Julho de 2020).

<sup>6</sup> Para saber mais sobre Vipodozi, ver Carta de Moçambique (2019a).

<sup>7</sup> Para mais detalhes, ver Chichava (2020).

<sup>8</sup> Entrevista com A. O., Pemba, 7 de Outubro de 2019.